



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBACAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO CAMPINA GRANDE-PB
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

RUMELLA SOARES CAVALCANTE

**A AUTOPRESERVAÇÃO NO
ABSURDO**

CAMPINA GRANDE
2023

RUMELLA SOARES CAVALCANTE

A AUTOPRESERVAÇÃO NO ABSURDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Ética, Existencialismo, Pessimismo.

Orientadora: Profa. Dra. Gilmara Coutinho
Pereira

CAMPINA GRANDE
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376a Cavalcante, Rumella Soares.
A autopreservação no absurdo [manuscrito] / Rumella Soares Cavalcante. - 2022.
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2023.

"Orientação : Prof. Dr. Gilmara Coutinho Pereira,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC. "

1. Absurdo . 2. Vontade. 3. Autoconhecimento. I. Título

21. ed. CDD 100

RUMELLA SOARES CAVALCANTE


A AUTOPRESERVAÇÃO NO ABSURDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Ética, Existencialismo, Pessimismo.

Aprovada em: 30/11/2022.


BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Gilmara Coutinho Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Eugênia Ribeiro Teles
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rafael Ramos Cioquetta
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	A PERSPECTIVA DO ABSURDO PRESENTE NA FILOSOFIA SHOPENHAUERIANA	5
3	O MUNDO COMO UM LUGAR DE SOFRIMENTO	9
4	O PERCURSO DO AUTOCONHECIMENTO DA VONTADE COMO MEIO PARA A AUTOPRESERVAÇÃO	12
5	CONCLUSÃO	15
	REFERÊNCIAS	16

A AUTOPRESERVAÇÃO NO ABSURDO

Autor Rumella Soares*

RESUMO

Pensar o absurdo como inerente à existência bem como o reconhecimento da Vontade como coisa em-si, nos permite melhor compreender a dureza de estarmos situados num mundo efervescente de uma metafísica ateleológica. O presente artigo objetiva incitar a reflexão acerca do absurdo que a Vontade inflama e atentar para a clarividência que o autoconhecimento projeta sob esta condição e, propor, pôr fim, a negação da vontade como resposta para tal, permitindo ao homem conhecer a si mesmo conforme conhece à Vontade. A metodologia proveu de uma pesquisa bibliográfica, englobando autores que circundaram sobre reflexões pertencentes ao existencialismo e absurdismo. Averiguou-se a imperatividade da Vontade como geradora de toda dor e sofrimento presentes no mundo, constando com isso que a única desagregação a imposição servil da Vontade se dar por meio da negação, ao nada querer. O desinteresse pelo querer que, visto como antinatural à coisa em-si, promove a atitude ascética e descortina para enxergar a clausura gerada pelo princípio de individuação e egoísmo, permitindo ao indivíduo ter autoconsciência de sua condição e da sua responsabilidade com a índole deste mundo, desafiando-o a encontrar um sentido para este absurdo que se propaga por toda existência.

Palavras-chave: Absurdo. Vontade. Autoconhecimento.

AUTOCONSERVACIÓN EN EL ABSURDO

RESUMEN

Pensar el absurdo como inherente a la existencia, así como el reconocimiento de la Voluntad como cosa en sí, permite comprender mejor la dificultad de estar situados en un mundo efervescente de una metafísica ateleológica. Este artículo pretende incitar a la reflexión sobre el absurdo que inflama la Voluntad y prestar atención a la clarividencia que proyecta el autoconocimiento bajo esta condición y proponer, poner fin, a la negación de la voluntad como respuesta a esta, permitiendo al hombre conocer mismo como conoce la Voluntad. La metodología proporcionó una investigación bibliográfica, englobando autores que rondaban reflexiones pertenecientes al existencialismo y al absurdo. Se verificó el imperativo de la Voluntad como generadora de todos los dolores y sufrimientos presentes en el mundo, confirmando así que la única desagregación es la imposición servil de la Voluntad a realizarse por la negación, al no querer nada. Desinterés por el querer, que, visto como antinatural a la cosa en sí, promueve una actitud ascética y ciega de ver el encierro generado por el principio de individuación y egoísmo, permitiendo al individuo ser consciente de su condición y de su responsabilidad con el naturaleza de este mundo, desafiándolo a encontrar un sentido para este absurdo que se propaga a lo largo de la existencia.

Palabras clave: Absurdo. Voluntad. Conocimiento de sí mismo.

* Graduanda em licenciatura em filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: ruuhsoaressc@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva da existência analisada por sua significação foi o ponto de discussão para muitos filósofos existencialistas, pela tentativa de determinar a essência humana a partir de suas vivências pelo contingente de suas experiências, atendo-se a compreensão de que somos responsáveis pelo sentido e criação da nossa existência de modo singular, sem que para isso se oculte a angústia, o absurdo, e a própria náusea em que a vida humana está baseada ao se refletir e não encontrar para ela um sentido universal imediato. Estas reflexões existencialistas enriqueceram a filosofia com conceitos que permeiam os mais variados âmbitos que a existência suscita.

A filosofia schopenhaueriana concentra muitas destas análises e nos permite pensar a autopreservação, analisar a autopreservação na filosofia de Schopenhauer é pensar no caminho a autoconsciência, não como uma fuga, uma resistência obtusa, mas como um reconhecimento lúcido da condição irreduzível que é existir. É preciso ter aspirações absurdas para se autopreservar. Schopenhauer nos apresenta a vida como inexorável à Vontade, e nos permite perceber o quanto estamos sujeitos a dureza da opressão da Vontade de maneira pacífica, quando afirmamos em meio a tantos fenômenos que também se afirmam a partir de um subjugo perpétuo, uma luta que confirma o sofrimento como inerente constatação da existência. O reconhecimento dessa luta não pode frustrar o divórcio para com a Vontade, a justiça, a compaixão, a racionalidade própria da criatura humana, retirar o ócio, o instinto que nos iguala à carência selvagem dos animais para preservar-se por meio da propagação da espécie, a capacidade de conjecturar de criar conceitos não nos torna mais dignos da vida animal em geral, mas certamente a possibilidade de não servirmos como marionetes à Vontade quando a negamos, esgotando seu complexo domínio de atuação em nós, eliminamos mesmo que em insignificantes porcentagens sua atuação, lançando um suspiro de alívio sobre toda dor e sofrimento.

Constatar na natureza e em todos os fenômenos essa imagem de combate não deve nos indispor em negá-la, pois é somente por meio da negação que admoestamos a ausência de finalidade que projeta todo caráter angustiante na vida. Este artigo se propõe a refletir acerca da construção de um significado pessoal para o mundo a partir da negação da Vontade, apresentada por Schopenhauer, assentado sobre a leitura e reflexão de sua principal obra, juntamente com a propensão ao absurdo, guiada pela conceituação do absurdismo do inerente conflito do convívio do mundo com o espírito humano, abrangendo para tal as análises dos filósofos Camus e Kierkegaard, alinhando a filosofia e o pessimismo Schopenhaueriano para comungar da gratuidade da existência, infinitude da morte, num processo que aplaude a urgência pelo autoconhecimento, negação da Vontade e resignação ao absurdo.

2 A PERSPECTIVA DO ABSURDO PRESENTE NA FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA

Compreender a perspectiva do absurdo isoladamente só foi possível a partir das investigações já presentes no existencialismo, na criação de um sentido para a existência muito mais subjetivo que objetivo. A disposição do pensamento que se inflamava para explicar a angústia, a responsabilidade e a liberdade da existência centrada no indivíduo, norteou a justificação do querer viver, enquanto negação ao suicídio e resignação ao absurdo pela ausência de uma unidade perfeita e pacificadora, seja ela proveniente do cerne teológico ou de uma perspectiva revolucionária. O existencialismo como corrente, doutrina filosófica, mediatiza a urgência de responder e ao mesmo tempo questionar o valor da pena que é viver,

tendo em vista a recorrência dos inúmeros massacres cotidianos, do interminável eco das guerras, e do tempo sombrio que não se oculta, o pensamento, portanto, não encontra a verdade estando alheio ao mundo, situado puramente nas determinações suprassensíveis, mas no indivíduo, no homem em sua concretude. Esta corrente permitiu lançar interrogações sobre a existência, sobre o âmago de sua razão, e esmiuçar questionamentos para a compreensão de um cerne absurdo que se tornasse mais saliente. A minúcia da busca pelo significado pessoal do mundo encontra nela a sua necessária reflexão, autenticando o absurdo pelo inerente conflito e contrariedade do espírito para com o mundo. A consciência da disparidade introduzida pelo sentimento do absurdo é propriamente refletida pelo assombro, a estranheza que colide com a falta de sentido que o mundo apresenta e que conseqüentemente nos gera mal-estar. A busca subjetiva por um significado pessoal nessa relação para com o mundo, esbarra nas determinações em torno do ser, sobre a razão e sobre o pensamento universal, o que de certo modo cessa toda indeterminação relativa ao ser, em relação ao seu destino e a suagama de possibilidades.

A análise sobre o ser, sobre a existência, é uma marcha contínua. Toda determinação em seu torno, neste sentido, é capaz de lhe reduzir. Desse modo, toda consideração à existência que não se credite de forma concreta, que não se debruce sobre o abstrato lhe fundamentando, bloqueia as luzes que se movem ao ser, mesmo que o lance em sua imanência. Pois, a estrutura da existência se encaminha ao absurdo e essa condução se mostra na relação com o mundo, em toda problematização da indeterminação e da contrariedade que o espírito invoca frente aos conflitos na busca por significação.

O existir é o movimento concreto no qual a indeterminação é instaurada e constituída como ponto de partida e como ponto de chegada. O existir é a instauração própria e autêntica do problema do ser porque é a constituição desse problema como natureza própria e originária do homem. (ABBAGNANO, 2006, p. 50-51).

O existir como problematização, como ponto de partida para o encontro do lugar no mundo é ponto de partida para inúmeras reflexões no campo do existencialismo, o que inclui o absurdismo. O absurdo pode ser percebido como sentimento e experiência, como uma expressão que caracteriza o que é suscetível à percepção por exigir lucidez, a lucidez nesse conjunto introduz a importância da singularidade, muito além do problema do ser. Desse modo, a singularidade inaugura a emancipação à existência; assim como o nosso mundo depende das nossas percepções, o mundo como objeto de conhecimento também é o conjunto de fenômenos para o visível. O filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) nos apresenta o visível, o mundo fenomênico permeado pela Vontade, sendo ela caracterizada por um querer que não reconhece fim, e que se encontra num grau maior de objetividade no homem. Que se verifica pelo sofrimento. O indivíduo sofre justamente porque o querer é para ele apresentado por meio da necessidade; o descontentamento lançado e permanente que exige um fruir para a satisfação.

O que é perpétuo à existência é a extensão deste querer infundável. Estas são máximas verificáveis em sua filosofia, uma análise que elenca sobre a natureza, sobre toda pluralidade um mundo que é representação, um indivíduo que, inteiro e indiviso, é capaz de representar sozinho todo esse mesmo mundo, permeado pela vontade, que é o em si presente em cada ser, lhe fundamentando. O homem como portador consciente do querer, guiado por uma Vontade irracional, concentra a observação desta condição absurda, mas que através das faculdades de conhecer e sentir, através do autoconhecimento da Vontade ele tem consciência deste em si do mundo e de estar condicionado por ele, mas este ser livre e encontrar-se ausente a qualquer submissão. Esse existir que pode se configurar por um alheamento e falta

de significado primário, encontra na filosofia schopenhaueriana uma responsabilidade para

com a existência e índole deste mundo e que, não obstante, permanecem absurdas “O homem, diz Schopenhauer, não pode ser criado de novo. O caráter inteligível é uma espécie de fatalidade, um destino interior que nos constitui” (BRUM, 1998, p.36). Estar no mundo é desfrutá-lo conforme nossa representação, nas minúcias, afrontá-lo, mas apenas receber respostas que se desdobram ao nosso conhecimento sob a aspiração da Vontade, na medida que ela sobrevém ao nosso intelecto e ainda assim, espantar-se com este comando originário.

A perspectiva do absurdo culmina em demasia com a facticidade da Vontade como coisa-em-si, mas é a assertivo correlacioná-los até certo sentido, justamente porque a proeminência do absurdo se efetiva no mundo pelo seu desconhecimento, é um sentimento que não se projeta claramente, é possível apenas conjecturar sobre as suas emoções, que surge a medida que a lucidez se apresenta, admirar este absurdo ou sentir repulsa, conforme observa a proeminência da Vontade em toda vida orgânica e inorgânica. A absurdez da Vontade como coisa-em-si só se torna perceptível pelo seu conhecimento, pela observação dos seus desdobramentos na vida comum, do seu enlace. O que emerge da relação entre a vontade e o absurdo, é o que refletidamente projeta a autopreservação, nos encontramos situados no mundo como representação e este estende-se emanado pelo em-si da Vontade, por toda parte infinita, ela concentra no homem seu maior grau de objetivação, desse modo pensar em preservar-se é preservar a subjetividade, lançar luz sobre ela. Nenhuma existência caminha por sua neutralidade, toda forma de vida nutre-se de si; e é dessa observância primordial que ação e reação assumem na filosofia de Schopenhauer a base para toda articulação da Vontade ao passo que direciona ao conhecimento sem lhe ser indiferente, pois nos guiamos pelas aparências na maneira imediata que nos aparece, examinando a posição servil que a inteligência tem para com a vontade. Tornar, portanto, o conhecimento como uma prerrogativa para um suposto porto seguro é de todo algo airoso, exatamente porque a vida, para Schopenhauer, é designada como uma tragédia. De modo que, cercar os acontecimentos, as disposições que alimentamos e que se efetivam em nossas vidas, como o mais importante e\ou essencial é, por finalidade, obtuso. Visto que estas estão projetadas, arraigadas a um destino vazio, fenomênico, que conduz a um fim único que é a morte.

Deliberar ao conhecimento um mérito sobre o querer infundável sob a premissa de que ele é superior, é também uma atitude equivocada. Ao induzir a possibilidade de que o espírito dos homens não emana conhecimento verdadeiro, podemos reconhecer no outro e em nós os mesmos impulsos desejosos de um querer aparente, este querer, quando refletido, direcionado por motivos, agrega razões na luta pela existência autêntica. Desta compreensão podemos observar o que Schopenhauer nos diz sobre compartilharmos deste mesmo querer sem distinção, pelo simples fato de que: “cada respiração nos defende da morte que constante nos aflige e contra a qual, desse modo, lutamos a cada segundo; bem como lutamos na maioria do tempo mediante a refeição, o sono, o aquecimento corpóreo etc.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 401). Juntamente a estas manifestações físicas que a Vontade nos impele de maneira geral, concordamos também com a constância que damos aos nossos sentimentos mais reclusos, hábitos que certamente julgaríamos próprios do nosso caráter e que configuram os elementos do nosso universo particular. O que gera o constituinte para uma estética absurda, que gesticula no comportamento humano, que introduz o conflito, a ânsia por respostas, e se depara com um extenso silêncio que se propaga no mundo, a necessidade que projeta a dor, a dor que punge o tormento, que apresenta ao semblante do homem o fastio, o tédio. Para Albert Camus (1913-1960), filósofo e escritor franco-argelino que desenvolveu análises acerca do absurdo e nos apresentou personagens de fundamental

caracterização para a compreensão de tal conceito, que verificaram no mundo a cortina que inviabiliza qualquer clareza e transparência para escancarar janelas de sentido para este mundo, o absurdo, a consciência sobre ele, só se torna possível por encontrar-se arraigado com a lucidez, com o pensamento que, habituado ao silêncio do mundo, gera tormento, e este tormento se incorporam as contradições que se aglomeram acerca da justificação da existência humana e alimenta a inadequação sentida pelo homem.

Segundo Camus: “um universo significa uma metafísica e uma atitude de espírito” (CAMUS, 2010, p. 25). Tais universos se exprimem por uma relação consciente, mas todas as suas conclusões fazem marcas na carne, num corpo de carne e osso, situado num mundo hostil que pelas marcas do tempo nos mostra a clausura em que habitamos e que nem mesmo o conhecimento pode nos preservar. A necessidade metafísica do mundo associa as divagações que guardamos em nosso universo particular, pela ideia geral de que nossas ambições não se realizam no presente com total regularidade. Depositamos então no futuro o êxito do que ansiamos. O futuro tomado no plano da esperança, oblitera a real visão da realidade e da própria existência, pois ela se faz apenas presentemente assim seria assertivo refletir acerca de que: “Sua existência propriamente dita se encontra apenas no presente, e seu escoar sem obstáculos no passado é uma transição contínua na morte, um sucumbir sem interrupção” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 401). Esta tarefa está atrelada a filosofia, a uma compreensão de mundo que, para Schopenhauer, não exigiria uma resposta ao *porquê* do mundo em uma significação que lhe fosse própria, mas por uma compreensão em essencial, por conceitos abstratos. Todavia, buscamos significações para os fenômenos que nos cercam pertencentes a este mundo que representamos, de modo que todos os questionamentos emergentes são induzidos de uma essência pelo encadeamento das leis que figuramos aqui, podemos tomar como exemplo os objetos que nos cercam e a maneira como conduzimos tais leis pelo princípio de razão, pois nem mesmo tais indagações seriam possíveis se atribuíssemos uma realidade ilusória e sem fundamento aos fenômenos.

O mundo tal como é, dentro da filosofia de Schopenhauer, não nos permite concebê-lo por seu fundamento, visto que nos encontramos nele apenas como “sustentáculo condicionante do mundo inteiro como representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 155). Podemos observar a autopreservação lançada dentro de uma perspectiva do esforço permanente da Vontade de vida ao infinito presente no indivíduo. É assim na vida, na natureza e, é assim no mundo. A realidade que concentra estas considerações traz um tom, nas palavras de Schopenhauer, tragicômico; não caberia o lamento, o arrependimento, pois a Vontade ao ser afirmada: “arca com seus próprios custos, sendo igualmente espectadora de si mesma”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 425).

Não caberia também a nós tal compreensão deste tragicômico diante do querer, sem termos de antemão a clareza desta afirmação da vida por sua essência íntima, que é a Vontade. É seguro, dentro desta compreensão, trazer clareza e consciência sobre a razão do sofrimento, do tédio, e do desespero que nos ronda, para então submetemos o conhecimento a desmentir, alterar, portanto, os atos da Vontade. Dos caminhos que se esgotam, no enfadonho trajeto guiado pela afirmação da Vontade e seu incessante aprisionamento, a lucidez do absurdo espreita; seu sentimento é antes de tudo uma confissão.

A confissão de que a esperança e o futuro não projetam mais o lugar onde reside a felicidade, ele se revela agora irracional e carente de sentido; a realidade é, portanto, uma parede que dá de cara com a inevitável morte, mas até lá, toda a liberdade que contém o existir exige ação. Não se toma, porém, aqui, a ação como necessidade de apelo diante da vida amanhã aqui a urgência de tomar o mundo e a existência por aquilo que são. A filosofia

de Schopenhauer verifica que o homem, antes de tudo, ou seja, antes de qualquer determinação, é pela imediatez de sua consciência um ser que quer. Na busca por aquilo que quer, irá se proteger de tudo o mais que oblitere seu êxito. Desespero e tédio, segundo Schopenhauer, irão determinar o limiar entre aquilo que objetivamos e aquilo que nos ocorre, como conquista. O desespero, assim como o tédio, determina uma condição que alarma a existência, pois ele sempre aponta o extremo de uma relação, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813- 1855), na obra *O Desespero Humano*, examina esta condição pela transparência que ele impõe à alma individual nenhum sistema filosófico poderia estar completo se este negligenciasse o drama de toda existência humana e suas inúmeras facetas. Apontando as singularidades entre o desespero e a ignorância e, precisamente da ausência de reconhecimento imediato com o espírito, isso o leva a afirmar que:

Todo o homem que não se conhece como espírito ou cujo eu interior não tomou em Deus consciência de si próprio, toda a existência humana, que não mergulha desse modo limpidamente em Deus, mas se funda nebulosamente sobre qualquer abstração ou a ela se reduz (Estado, Nação etc.), ou que cega para consigo própria, não vê nas suas faculdades mais do que energias de origem pouco explícita, e aceita o seu eu como um enigma rebelde a qualquer introspecção - toda existência deste gênero, realize o que realizar de extraordinário, explique o que explicar até o próprio universo, por muito interessante que, como esteta, goze a vida: mesmo assim, ela será desespero. (KIERKEGAARD, 2010, p. 64-65).

Schopenhauer verifica que o decurso do mundo se posiciona na ausência de finalidade, porém, verifica que há um irrevogável determinismo que para nós não se explicita por sua razão; comungamos apenas que, dessa absurdez, todas as coisas aparecem por via de uma Vontade livre e da causalidade que se determina conforme o curso do mundo. Se há espaço para o desamparo, desespero e tédio é na justa medida de toda gratuidade da existência. O absurdo, a consciência dele, exige uma clarividência; ele se revela aos seus aliados, aos homens que pensam e que negam as ilusões gratuitas da esperança e que por meio da Vontade, pelo autoconhecimento dela, conscientizam-se como ser indiviso, guiado por uma Vontade que não se submete a princípio de razão algum, porque é livre, mas que, por uma condição absurda, nos condiciona. Na obra *O mundo como vontade e como representação*, as ideias de macrocosmo e microcosmo definem bem aquilo que turva o verdadeiro olhar para o mundo enquanto essência, porque permitem a distinção que revela o véu de Maya pela observação dos fenômenos do mundo e da individuação, mundos que são opostos, mas que necessariamente se complementam, sob influência da turvação do véu, o mundo é obtuso, o indivíduo, segundo Schopenhauer, irá apenas seguir os impulsos da vontade e negará a mútua relação de prazer e dor para justificar seus anseios por felicidade. Essa turvação pode ser considerada um aprisionamento, mas é a partir da consciência desse aprisionamento através do princípio de individuação e na busca de uma elevação que o conhecimento considerado vivo pode, por fim, aparecer.

3 O MUNDO COMO UM LUGAR DE SOFRIMENTO

A compreensão de individualidade que Schopenhauer nos apresenta, nos mostra o indivíduo como sustentáculo do mundo inteiro. O que determina, portanto, que haja a formulação de conceitos e significações pessoais para o mundo que se apresenta é a condição de que o sujeito não é se não, puro sujeito que conhece. "Ninguém pode fugir da sua individualidade" (SCHOPENHAUER, 1991 p. 6). Seu corpo é uma representação tanto quanto os objetos ao seu redor, mas nada disso permite ao indivíduo conjecturar a essência íntima daquilo que lhe rodeia e representa, senão a Vontade. Essa perspectiva assegura a verdade da Vontade sobre uma nova ordem denominada como: verdade filosófica. Essa

verdade se estabelece pelo seu caráter irrevogável, de verificar num primeiro momento a ausência de fuga para a essência deste mundo que é a Vontade. Em toda natureza, em toda vida orgânica, a Vontade de vida se estabelece como ímpeto primordial do impulso à existência. É possível pensar que esta condição acarrete um lugar especial para a existência humana, exclusivamente, mas não é isso que se verifica. Para o autor:

O indivíduo, ao contrário, tem para a natureza apenas um valor indireto, a saber, apenas na medida em que é o meio para conservar a espécie. Ademais, a existência do indivíduo é indiferente para a natureza, sim, esta até o leva à ruína assim que ele deixade ser apropriado aos seus fins. Ora, à pergunta para que existe o indivíduo? a resposta seria clara: mas à pergunta: para que a espécie mesma? Para esta pergunta a natureza, considerada do lado puramente objetivo, não nos favorece resposta alguma.(SCHOPENHAUER, 2005, p. 424).

Conforme esta consideração, observar o mundo como um lugar de sofrimento já se torna visível, a vida se expõe agora como uma tarefa, uma atividade que intercala níveis de esforços e ímpetos, pela justificação do movimento da existência, se projetar para o mundo, em sua direção.

Na pertinência da dependência do homem para com o mundo, uma relação condicionante é estabelecida pela necessidade, em que o tempo revelará a futilidade de nossos esforços, pela constatação de que um desejo após realizado emerge outro. Assim, tomamos ciência do mundo como um lugar de sofrimento; a constância dele revela a efemeridade da felicidade e o descontentamento como paralelo ao esforço, pois é a partir dele que a carência se revela, assim como sempre haverá sofrimento, haverá esforço em superar o descontentamento ocasionado por ele. O sofrimento, na perspectiva de Schopenhauer, tem seu estado mais manifesto no homem, pois é nele que a Vontade se manifesta de forma mais incisiva. O conhecimento é, portanto, o que delibera a esta manifestação a condição de sentir e sofrer, o querer viver está enraizado no mundo, quando ele não realiza seus fins acaba gerando, frustração e sofrimento. A determinação de que toda vida é sofrimento ganha a sua clarividência a partir de uma individualidade que o percebe, podendo não só o expressar como o identificar nos mais variados graus presentes na natureza, toda disposição para afirmação da Vontade de vida, desde a flor ao fruto, a obstinação de cada inseto para preservar seu abrigo, cada animal que dia após dia luta em busca de seu alimento, toda natureza empenhada em efetivar a propagação de sua determinada espécie em um ciclo infinito. O homem é o único em toda organização da natureza capaz de refletir sobre sua condição, de escolher ou não o querer propagar-se e de verificar o sofrimento intrínseco ao mundo como uma expressão da Vontade após seu autoconhecimento. O sofrimento como travação da Vontade é uma determinação não se limita apenas à consciência do sofrimento, mas também à reflexão sobre a morte em observância à sua condição delimitadora.

Para Abbagnano, a morte introduz a problematidade da existência, ao passo que a fidelidade à morte, no tocante a sua aceitação e temor consciente, delibera a dignidade do homem pela sua unidade própria. A consciência de poder observar a própria vida em seu decurso, para que possa compreender por fim o encerrar que é a morte, permite configurá-la como o fim do ciclo da existência a medida que também pode ser justificada como um farol na condução da nossa história humana, coletiva e individual, do nosso fim comum e da responsabilidade própria com nossos destinos e impacto coletivo. Toda a manifestação do comportamento é permeada e movida pela Vontade; o pessimismo desta consideração e o apontamento de ser Schopenhauer considerado um filósofo do pessimismo, parte do raciocínio e conclusão de ser a Vontade irracional e, portanto, ausente de finalidade, ela é caracterizada como uma força cega e incontrolável, não há duração quando realizada, um

breve deleite para que em seguida um novo desejo surja, na relação com o mundo a insatisfação gerada pelo querer infundável se comunica com todos os aspectos da vida seja na esfera particular, seja no âmbito da vida em sociedade. A presença do sofrimento positiva a dor, pois permite encarar com lucidez o fenômeno da vontade agindo neste, que pode percebê-la.

Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra. (SCHOPENHAUER, 2019, p. 28).

Assim, o filósofo nos apresenta a positividade da dor em comparação à efemeridade de toda felicidade e a supressão do desejo que incita outros. O tormento que jaz na existência se estende também à história, na confirmação dos breves períodos de paz e sucessivas guerras e todo egoísmo persistentemente constatado em grande parcela das ações humanas. O sofrimento a todo tempo verificável no mundo é verificável por este não encontrar repouso algum a todo instante o desequilíbrio entre desgraças e prazeres se faz presente.

De todo modo, é por razão do sofrimento, da necessidade e do esforço que a vida se encaminha, com um impulso e força inexorável. No capítulo XII - *Contribuições à doutrina do Sofrimento do mundo*, da obra *Parerga e Paralipomena*, Schopenhauer nos estimula a imaginar uma visão de mundo utópica, em que os homens não encontrassem nenhum obstáculo para consolidar os seus desejos, logo, não exigindo deles esforço algum para conseguir satisfazer até mesmo as mais simples carências apresentadas no cotidiano, como a necessidade de cozinhar o próprio alimento ou plantar para poder colher e, com isso, demonstra como os homens sucumbiriam a sensação de vazio, incitando guerras e conflitos para se entreterem e, posteriormente, até mesmo recorrer ao suicídio para sanarem esta disposição. A relação com o mundo, vista pela perspectiva do fatídico sofrimento, é verificável pela mediação que fazemos com outros objetos e outros seres por meio da nossa representação de maneira unilateral e subjetiva. O mundo nos é indiferente; além da condição de percebê-lo de maneira intuitiva como representação e Vontade, todo outro modo de conceber o mundo e conhecê-lo partirá do uso da lei da causalidade, ademais o que permite conhecê-la é a predileção de que "causa e efeito existem apenas para o entendimento, que nada é senão o seu correlato subjetivo." (SCHOPENHAUER, 2005, p. 63).

A indiferença que aqui afirmo, em relação do mundo para conosco é a mesma que nascimento e morte são eventos que não pertencem ao indivíduo, mas sim à vida, pois estes se configuram como pólos de todo fenômeno de vida. O que se manifesta a imortalidade de toda natureza, a indiferença que assim se mostra é ausência de predileção e distinção entre os homens, podendo ser qualquer outro e qualquer outra existência a nascer neste mundo e assim efetivar a Vontade de vida. O indivíduo padece sobre a insatisfação que lhe espreita assim como no mundo não há satisfação que possa apaziguar os anseios da vontade, a insatisfação encontra no mundo e no indivíduo suas razões de existir e deliberam também o vazio que configura o abismo em nossos corações. Da certeza do encontro com os inúmeros adversários que a vida apresenta, a percepção do sofrimento não é pensada afastando-se da realidade comum, porque para esta realidade mesma não há tréguas, e desta certeza a morte também comunga, pois valida o fim das esperanças, anseios e ânimos.

A morte, a reflexão sobre a mesma, se lançada sobre a perspectiva do tempo com a rapidez ou com o seu prolongamento, o tempo inquieta e com isso gera mais uma vez sofrimento. Schopenhauer analisa até mesmo o cerne do pecado original e afirma verificar

também nele a carência e o sofrimento pela culpa, e esta culpa sendo incitada pelo desejo. Evacome a maçã pela falta, em seu interior foi suscitado o desejo pelo tal conhecimento sugerido pela serpente. Nesta figuração tão impiedosa, Deus é taxado pelo filósofo como o grande causador disso tudo, dentro da possibilidade de ser Ele o criador do mundo, manifestando a negativa de não querer conhecê-lo. Schopenhauer verificou o enlace impiedoso da Vontade e constatou que em cada indivíduo ela apresentará seu caráter insaciável, que não há para ela começo ou fim, pois seu caráter é onipotente, logo não poderia haver constância para a felicidade e o mundo configurando um lugar de sofrimento.

4 O PERCURSO DO AUTOCONHECIMENTO DA VONTADE COMO MEIO PARA A AUTOPRESERVAÇÃO

A extensão da vida refletida é tratada a princípio como um enigma, uma busca, uma tarefa que se projeta durante todo o transcorrer da vida, revelando esta como uma tarefa intensiva e inacabada, justamente pela condição da subjetividade, do lugar que o homem ocupa como fenômeno na filosofia de Schopenhauer, esse transcorrer se dá por meio do querer, irrefletido ou não, ele nos apresenta o homem dentro da dicotomia de aceitar ou negar o querer. A Vontade como coisa em si configura o cerne para a dissolução deste enigma que é a vida, nos conduzindo a uma verdade filosófica cognoscível a toda parte sustentada pelo querer-viver. Em *O mundo como vontade e como representação*, todas as considerações precedem tendo a Vontade como o âmago das asserções. De modo que a concepção da Vontade está para Schopenhauer como uma condição inerente ao indivíduo, mas que só por meio do autoconhecimento desta ele pode vir a melhor conduzi-la, recriá-la, já que o querer não se altera, apenas as motivações em seu torno, posso escolher A ou B e decidir por C pelos mais variados motivos, mas o querer que se emana de maneira infinita projeta-se para efetivar-se. A vida que transcorre e oscila entre o querer e o conquistar tem o mundo como palco de atuações. É preciso compreender de que modo intuimos o mundo. A princípio, Schopenhauer nos afirma que: “Tudo o que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 44).

A representação assume esse condicionamento, pois através dela o mundo se auto justifica, por ser apenas objeto para o nosso conhecimento, mas antes deste, é o corpo o primeiro objeto que intuimos. O sujeito é, portanto, tomado como uma representação especial por seu corpo ser intuído à consciência de maneira imediata. Assim, a importância do conhecimento do corpo em sua dualidade (Vontade e representação) é o que há de mais fundamental para compreensão de toda essência e fenômeno da natureza. Essência e fenômeno serão tomados para Schopenhauer como a diferenciação mais característica da proeminência da Vontade como “coisa-em-si” e, conseqüentemente, o “em si” de todo fenômeno, para, só então, podermos verificar o modo fundamental em que a Vontade se expressa. A entender, pela sua manifestação metafísica e muito mais por sua genealogia Rosset (1939-2018) compreendendo a filosofia de Schopenhauer dentro desta vertente, afirmou que:

A filosofia da vontade inaugura a era da suspeição, que busca o mais profundo sob o [explicitamente] exposto, e o descobre no inconsciente.” [...]. A razão do autoconhecimento da Vontade é de todo modo uma busca pela origem, um resgate a inteligência primordial, a saber “que o que está [oculto] por trás da inteligência é mais rico que a própria inteligência. (ROSSET, 1994, pp. 204-206).

O que permite o autoconhecimento é justamente a relação análoga com todos os objetos exteriores que representamos e, conosco, que temos por “essência íntima” a Vontade.

Schopenhauer reuniu todos os sentidos como pertencentes à “objetividade” da Vontade conhecer o corpo designaria conhecer esta vontade em seus atos isolados, e é este conhecimento que de forma imediata se eleva à consciência e permite distinguir o sujeito que conhece como mera representação, do indivíduo, aquele que tem consciência de seu corpo de modo *toto genere* por razão da Vontade.

O autoconhecimento da Vontade possibilita que “O sujeito do querer, conseqüentemente, está sempre atado à roda de Íxion que não cessa de girar, está sempre enchendo os tonéis das Danaides, é o eternamente sedento Tântalo.” (Schopenhauer, 2005, p.266). Escravos na medida em que somos servos de nós mesmos e servidores desta Vontade que “não é apenas livre, mas até mesmo todo-poderosa. Dela provém não só seu agir, mas também seu mundo. Tal qual ela é, assim aparecerá seu agir assim aparecerá seu mundo: ambos são seu Autoconhecimento e nada mais.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 355). Dessa forma, torna-se evidente atrelar a Vontade a uma necessidade de manifestação de se estender ao mundo na forma de todos os seus fenômenos e, assim, objetivar a sua essência pela sua concretude. Mesmo ao atingirmos tal clareza e sermos resguardados por este conhecimento, por vezes a dor, tida para Schopenhauer como essencial à vida, amíde nos aflige e, na nossa inconsciência, não a elevamos ao infinito, certos de que esta logo cessará. Encontramo-nos alheios a nós mesmos, incompreensíveis e incompreendidos, enquanto seguirmos as aspirações do querer viver de maneira desenfreada refém de seus ímpetos, das expressões mais egoístas da natureza humana, ciúme, inveja, avareza, etc. É necessário um cessar autoconsciente destas aspirações, caso queira cessar também com a dor, já que por natureza o desejo gera dor, e esta dor se revela no corpo, seguir um destes ímpetos pessoais que julgamos importante, sem antes renunciarmos os demais tornaria traçar um objetivo uma atividade impossível, pois a afirmação da Vontade é este constante querer não perturbado pelo conhecimento desta condição servil. O que julgamos importante é um fenômeno entre outros que se manifestam, para realizá-lo exigiria a supressão dos demais de maneira consciente, uma autosupressão dolorida, mas que de nenhum modo o sofrimento é para nós indiferente, podemos sentir tormentos e reconhecer dor e tormento também no outro.

São estas considerações que Schopenhauer toma no livro IV de *O mundo como vontade e como representação* para encaminhar as lógicas para a negação da Vontade, como um caminho certo e seguro em que a intelecção pode proceder puramente por seus motivos e a individualidade possa imperar sob a Vontade ao saber por que quer o que quer. Esse desdobramento da inconsciência já se faz presente na filosofia de Schopenhauer, tais raciocínios são possibilitados pelo autoconhecimento da Vontade, de suas disposições e possíveis limitações, tornando distinto: “o conhecimento de nossa mente, com suas faculdades de todo gênero e limites inalteráveis, é, nesse sentido, o caminho mais seguro para obtermos o maior contentamento possível conosco mesmos.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 395). O autoconhecimento atrelado à noção de mundo que impelimos por nossa representação, permitem por fim à necessidade de um olhar reflexivo para a vida por via da busca por um significado humanamente imposto, das considerações religiosas, históricas entre outras; para nos induzir ao conhecimento de nossas faculdades por nossa singularidade e espécie. No ensaio intitulado *O Vazio da Existência*, Schopenhauer configura a vida humana dentro da condição de subsistência que revela seu vazio afirmando que:

A vida apresenta-se principalmente como uma tarefa, isto é, de subsistir de *gagner sa vie* [para ganhar a vida]. Se for cumprida, a vida torna-se um fardo, e então vem a segunda tarefa de fazer algo com aquilo que foi conquistado – a fim de espantar o tédio, que, como uma ave de rapina, paira sobre nós, pronto para atacar sempre que vê a vida livre da necessidade. (SCHOPENHAUER, s.d., p. 3)

Ao afirmarmos a Vontade em sua constância o fardo que a existência revela é apontado pela ausência de propósito, pela abnegação do querer servil, através do conhecimento, mais precisamente o autoconhecimento, a vida se direciona em razão de sua luta, que é pela existência mesma em sua plenitude. Porém, esta luta não altera aquilo que lhe é cabal: a certeza do fim, que dia a dia aponta, tomar conhecimento deste fim inato, que é a morte, e do esforço como o núcleo que constitui o em-si que é a Vontade assalta a consciência de que a existência, a vida humana, além de absurda, é um erro. Schopenhauer, no ensaio já citado, afirma este erro pela proeminência que o tédio exerce em nossas vidas do estado cíclico que as necessidades aparecem, da relação simbiótica entre o sofrimento e a satisfação e o caracteriza como o sentimento do vazio da existência, na certeza de que se ele não existisse, a existência em si nos satisfaria, sem que houvesse a urgência do querer anos espreitar. Estas reflexões, seja sobre a existência, a morte ou sobre o tédio, se apresentam à nossa consciência de maneira direta ou indireta e nela se deposita.

Rosset apresenta uma perspectiva notável da afinidade de Schopenhauer e Freud para o desenvolvimento do inconsciente em nossa mente e afirma que “a ideia de que não existe intelectual ‘em si’, nem pensamento que não esteja ligado a motivações inconscientes, tem nele sua origem”. (ROSSET, 1994, p. 32).

O que culmina com a busca do autoconhecimento da Vontade estabelece uma relação segura para a inteligência, pois, permite a observação da atuação da Vontade em seus variados graus e nos possibilita configurar sobre ela uma significação íntima, afirmá-la ou negá-la. Por via do conhecimento, o indivíduo se auto verifica como uma parte finita de um ilimitado, onde a liberdade se apresentaria pela deliberação da decisão eletiva, a conduta em relação ao querer sendo esta “o constituinte de uma particularidade da liberdade da Vontade concentrada nos atos individuais para incitar os motivos.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 365).

A clareza de tais induções e do contraste da Vontade como infinita, possibilita, por fim, perceber o mundo como ele é, propriamente minha representação, tendo como certeza o olho que vê e a mão que sente, bem como a dignidade e o respeito às alteridades. Somos apenas Vontade e representação; não se confere a isso nenhuma grande dignidade. O modo como conhecemos, pelo princípio de razão, apenas pode tornar dignos os fenômenos, conforme a lei de motivação, mas, de um modo geral, nenhuma ação foge ao jugo da vontade, que é incessante, não é ela um contingente que se propõe casual, logo a dignidade humana se estrutura no terreno perene que é o homem.

A balança que julga a dignidade pende, pois está no domínio da valorização objetiva nivelando, conforme o valor, as alteridades. De outro modo, se nivelássemos nosso trato com os demais tendo em vista a compaixão, reconheceríamos nosso intrínseco parentesco, pois a continuidade dos nossos sofrimentos nos iguala. Por intermédio da compaixão aliviaríamos constantemente o sofrimento do mundo pelas nossas práticas e assim evitaríamos atendermos ao crivo valorativo que a ideia da dignidade suscita. A Vontade retém o homem sempre a ele mesmo e disso parte a razão de todas as suas ambições e desejos a justificação fundamental de todas aquelas ações que não são dignas, aquelas que culminam em todo seu egoísmo e perversidade; o egoísmo enquanto ação interessada, intencionada, é a particularidade que nos diferencia dos animais, mas que se expressa em toda natureza e se verifica com a morte. Afirmar a Vontade de vida é antes de tudo servir à toda ausência de fim, pois a Vontade não reconhece limites. Essa afirmação logo torna-se um esforço inesgotável: toda natureza alimenta este esforço, desde a semente até o fruto, o ovo ao pássaro e do impulso sexual à procriação, este ímpeto de autopreservação justifica “porque cada um quer tudo para si, quer tudo possuir, ao menos dominar, e assim deseja aniquilar tudo aquilo que lhe opõe

resistência.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 426).

Assim, concluímos que a subtração de um querer não resulta no fim de todo querer, mas apenas abre espaço para uma nova carência e, para mais sofrimento, “O crime maior do homem é ter nascido” (MONÓLOGO “A VIDA É SONHO”, 2010). Tudo isso surge, para o ser humano, mais viável conforme o intelecto se desdobra, pois o intelecto é a única ferramenta que atua positivamente na libertação destes grilhões que a Vontade impõe, a partir dele, a consciência da inutilidade do vir a ser se justapõe, sua finalidade última, portanto, dentro deste contexto, nada mais é que atuar para a supressão do querer. Configura também ir além do *principium individuationis* que é a característica que nos identifica como distintos em toda natureza e transitar para à ascese, a doutrina do autocontrole tendo em si o desprezo por este mundo nas práticas que mortificam o corpo e o espírito em busca da verdade, para tanto, responder ao querer na mais autêntica indiferença é renegá-lo no corpo e mente. Enquanto renúncia da Vontade de vida, o ser humano pratica ações que fogem à autoridade do querer, não atende à maldade, não comete injustiças, mortifica a Vontade no seu corpo “Assim, pratica o jejum, sim, pratica a castidade, a autopunição, o autoflagelo, a fim de, por constantes privações e sofrimento, quebrar e mortificar cada vez mais a Vontade, que reconhece e abjura como fonte de sofrimento da própria existência do mundo.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 485).

É pela negação da Vontade que se ausenta a dor e angústia que se abrigam quase que de maneira inerente ao homem, o indivíduo que se auto domina, se liberta, mantém-se negando até o sopro final da morte, pois a força do querer não lhe arrasta aos seus intentos. Decisivamente, a liberdade de direcionar o querer por suas motivações, assim como o amor e a moral aliviam o árduo fardo da existência sem deixar de ser o que são, ilusões turvadas pelo véu de maya, mas que permitem preservar o indivíduo do horror que a vida evoca. Da observância efêmera e cômica da vida, nos preservamos desse horror tendo em vista que a vida individual é apenas uma ilusão que o nosso intelecto fantasia, assim, o autoconhecimento da Vontade permite a compreensão da liberdade como ilusória, e suscita a urgência da contemplação do tempo presente, exatamente porque o eu não se preserva pela sua individualidade, mas pela ideia geral de humanidade, de espécie, um todo que nos abarca e interpela. O que, portanto, nos preserva do absurdo da vontade é a consciência da inatividade da vida individual, há responsabilidade em tudo o que nos cerca, como há irracionalidade, mas não se toma em sua filosofia o caminho do aniquilamento, o suicídio como resposta última à ausência teleológica do mundo, pois ele representa apenas mais uma manifestação do querer viver, objetivado em ato apenas pelo intuito do aniquilamento da dor. O sopro de alívio que nos preserva do absurdo é o nada querer, uma abnegação absoluta do ser, que só pode ser resolvida no homem que é capaz de autoconhecimento, capaz de negar e alterar os motivos do querer, o corpo se torna palco para neutralizar e negar o impulso cego do querer, a aniquilação não leva a salvação pois fora do corpo a Vontade não pode ser mortificada e com isso não poderíamos nos livrar dos sofrimentos deste mundo gerado por ela a medida que afirmamos.

5 CONCLUSÃO

A doutrina do existencialismo permitiu lançar interrogações pertinentes acerca da existência humana e sua significação, permitiu um desdobramento para a relação significativa do homem com o mundo. Dessa relação teorias filosóficas permanecem apoiadas nos diversos sistemas que circundam a existência humana, Schopenhauer ressaltou em suas obras diversos destes temas como o sofrimento, o tédio, a ética e a moral. Podemos concluir que, independentemente das circunstâncias, não encontramos justificativa para este mundo e o seu

fundamento por uma razão lógica de finalidade, analisar na Vontade o seu absurdismo através do autoconhecimento autentica a nossa preservação, revela as ilusões de todo desejo por sua clausura, são as experiências que um espírito absurdo adquire que o preserva, o indivíduo nasce neste mundo e perece a cada dia até o dia de sua morte: a guerra nos cerca, o egoísmo nos cerca, tendo por agentes condicinantes a necessidade e o tédio. Nossa vida oscila conforme a disposição emocional que empregamos nela, de modo que pendendo a balança para a dor, nossos rostos nos entregam, fatigados e cansados. Caminhamos para a morte tendo, portanto, a Vontade a nos guiar. Logo, a nossa vida e a vida neste mundo são uma longa série de acidentes que incansavelmente tentamos justificar e amenizar, a Vontade que tudo impele não conhece fim, é o ímpeto cego a nos guiar e guiar o mundo, colocando incessantemente um desejo após o outro e neste balanço criamos nosso destino.

Sendo assim, toda justificação que pretenda dar uma nova ou total significação a este mundo e à vida, ignorando todo o sofrimento nela contido, logo encontrará dificuldades e, possivelmente, terríveis contradições. A âncora deste mundo é a necessidade, toda natureza secunduz sob uma ordem necessária, mas não plena de sentido e coerência, responder como uma existência que se conduz consciente de sua condição e não sucumbe a ela, é um processo que só é possível através do autoconhecimento da Vontade, através do asceta que domina a Vontade e a nega, como mártires em suas causas, trazendo ao sofrimento não mais a lástima de sua condição, mas a positividade da dor por ele causada como uma bússola que guia para longe dos prazeres ilusórios.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao existencialismo**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRUM, Thomaz. **O Pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche** / José Thomaz Brum. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. 8.ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

KIERKEGAARD, Søren (1813-1855). **O desespero humano**. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

MONÓLOGO “A VIDA É SONHO”, Cantinela do Corvo, 16 de janeiro de 2010. Disponível em: <https://virginiallan-cantilenadocorvo.blogspot.com/2010/01/monologo.html> Acesso em: 20 de novembro de 2022.

ROSSET, Clément. **Schopenhauer, philosophe de l'absurde**. Paris: Presse Universitaires de France, 1994.

SCHOPENHAUER, Arthur, **As Dores do mundo** [livro eletrônico], Tradução de José Souza de Oliveira. – São Paulo: Edipro, 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur, (1788-1860) **O mundo como vontade e como representação**, Tomo I / Arthur Schopenhauer; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. – São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação** – Tomo 2

(Suplementos). Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur, **O vazio da existência**, Tradução André Cancian, [s.n.]. [s.d.].